

Califórnia, 30 de Junho de 2016

### *Projecto Kafka*

Fotografia de uma pintura de Kafka que comprei numa feira de rua de Barcelona, há muitos anos.

Projecto Kafka — levar a sua imagem em viagem. Como se fosse um companheiro rectangular; um companheiro com as seguintes dimensões: 20 por 10 e com uma moldura de 1,5 cm.

Acreditar numa magia contemporânea a interferir na relação entre imagem e presença. Como bem nos mostra a tecnologia recente: imagem é presença. Antigo e demasiado contemporâneo: alterar a paisagem pela presença fantasma de Kafka.

Projecto Kafka.

Um especialista introdutor de estranheza. Ou até de questionamento; é isso que este rosto leva para os sítios. Leva um porquê? Porquê? Uma cara que transporta uma pergunta. Uma pergunta que é de certa maneira uma acusação. É uma acusação que não cai necessariamente sobre temas elevados ou decisivos historicamente. Porquê esta cor? Porquê esta cadeira e não outra? Porquê esta paisagem? Mas também: por que razão viver assim?

*Uma loja de conveniência, Califórnia*

Jonathan percebe que há na cor um excesso de vida que atenta contra ela própria. A vida deve ser sussurro e não cores concentradas que parecem gritar em direcção aos olhos como se a cor se tornasse vendedora. Uma cor que sem palavras diz: compre!, e exige dólares ou insinua que o homem que vai a passar não deve continuar o seu caminho sem antes parar naquela cor que anuncia uma qualquer bebida de que o viajante necessita sem falta. A cor torna-se cadeira; sítio para parar, aquilo que impede o avanço.

Jonathan pensa na imagem de Kafka enquanto pintor. Que cores usaria ele? De imediato, a primeira referência seria o pudor, o sussurro, as cores cinzentas: o preto-e-branco: um quadro a preto-e-branco como as televisões no início — como se fosse uma avaria do quadro, uma avaria da pintura. Jonathan imaginou o quadro pintado por Kafka a preto-e-branco. Não porque ele não tivesse acesso a outras cores: elas estavam ali próximas da sua mão direita. Mas Kafka não as viu. A verdade é essa. Kafka só viu o preto nas cores que ali estavam ao lado, e só viu o branco da tela.

Mas, de imediato, Jonathan pensa: e se a tela em vez de ser branca como manda a tradição fosse insolitamente preta?; em vez do branco que recebe, que convida, que é espaço vazio, que é em cor o que é a hospitalidade em gestos ou nas palavras: *fala, eu ouço-te*, enquanto o ouvitor se senta mostrando que ouvir é ter paciência para não continuar caminho e para parar; se em vez desse branco a tela fosse, então, de cor preta, essa cor que parece dizer: *por aqui não se pode passar*; se fosse assim, talvez Kafka

se tivesse aproximado do branco e o infiltrasse como uma forma de criar expectativa ou mesmo esperança: um certo branco no meio de muito e compacto escuro.

Mas as telas são brancas, são demasiado brancas. Kafka não suportaria esse optimismo.

\*

E podemos falar em avaria, sim: um quadro a preto-e-branco como quando a imagem de uma televisão subitamente, por qualquer motivo misterioso, colapsa, e regressa a essas duas cores base, envelhecendo décadas num segundo: um envelhecimento tecnológico, artificial, mas, sim: envelhecimento súbito e, também, súbita melancolia.

Tira a cor e começas de imediato a escutar o som que a tristeza faz quando nada diz.

\*

Talvez Kafka queira dizer isto nesta fotografia. Mas o que sabe Jonathan?

Califórnia, 1 de Julho de 2016



Kafka numa loja de conveniência no Estado da Califórnia. Porquê a alegria?  
Qual a razão?  
Como se a alegria e estas cores excessivamente familiares pudessem esconder algo.  
Numa loja 7-Eleven. Kafka.

Califórnia, 2 de Julho de 2016

*Diário, de frente para o Death Valley*

Como questionar a natureza? Como fazer inquéritos à natureza? Como torturar a natureza para a fazer falar?

Eis o difícil. Pensar na ciência natural como essa tentativa, uma tortura benigna dirão alguns; mas sim: é preciso que a natureza fale de vez, que se explique, que conte o seu segredo; porque acontece isto e aquilo, porquê esta paisagem?

Laboratório como aquilo que recebe o rapto de um fragmento natural que é colocado em circunstâncias bem controladas para que possa dizer a sua verdade, para que se possa explicar.

Arrancar uma fórmula da natureza muda, como se arranca uma confissão. Ciência boa e boazinha, mas também má. Inquisição.